

[TRAPALHADA - Questionamento feito por uma estudante da Faculdade Latino Americana reflete indignação frente a uma simulação que levou terror à instituição

“A FLA é uma instituição de ensino ou um circo?”



FLA: demora para explicar o incidente no curso de Segurança Patrimonial

Letícia Jury

Carta de uma acadêmica, que pediu para não ter seu nome citado, publicada na comunidade do Orkut do programa Câmera Aberta e veiculada pelo Canal 14, define perfeitamente o sentimento dos acadêmicos, policiais militares, funcionários do Samu, profissionais de imprensa, professores e comunidade anapolina, diante da simulação realizada pelo Curso de Segurança Patrimonial, da Faculdade Latino Americana, no último dia 25.

Logo no início do texto ela já define a atitude do professor como uma “simulação de mau gosto”. E o motivo da indignação da acadêmica é óbvio, ela estava na sala de aula no momento em que ouviu os tiros. “Os alunos saíram

correndo e só via gente descendo as escadas, mulheres caindo, grávidas assustadas, jovens desmaiando e professores desesperados”, detalha.

Em seguida, ela novamente expressa a indignação dos estudantes e critica que “mesmo sendo uma simulação, foi mal planejada, pois os professores deveriam ter sido avisados, para tranquilizar os alunos. “Muita gente machucou, outras passaram mal. Muitos pais ficaram desesperados e ligaram atrás dos seus filhos”, citou.

Ao final da carta, a jovem faz alguns questionamentos, dentre eles: “será que os pais podem ficar tranquilos quando os filhos estão na faculdade?”, “Será que a FLA é uma instituição de ensino ou um circo em que os alunos são palhaços e o coordenador do curso e os diretores são a platéia?”.

MANIFESTAÇÃO

Durante a manifestação dos estudantes, que aconteceu na segunda-feira, 29, muitos acadêmicos cobriram satisfações do coordenador do curso. Vários deles citaram legislações para ressaltar que eles deveriam ter sido informados do treinamento. E ameaçaram: “vamos entrar com processo contra a Faculdade”.

A maioria dos entrevistados pediu para não ter seu sobrenome divulgado. Um deles, por exemplo, destacou que a faculdade precisa esclarecer de fato o que aconteceu, pois muitos acadêmicos acreditam que realmente houve tiroteio na instituição. “A explicação dada não nos convenceu”, disse.

Outra aluna, chamada Marília, enfatizou que para quem tem problemas de

saúde, a Simulação foi um agravante. “Tenho problema de coração, tive que ir ao médico e comprar remédio. Isso não pode ficar assim, impunemente. Não estamos em um circo”, desabafou.

Acadêmico da FLA, Rogério falou que a simulação se configura como uma tortura moral, física e psicológica. “Eu vi uma mulher grávida caindo da escada. Inclusive ela vai montar um processo contra a instituição. Acho que todos deveriam fazer o mesmo”, aconselhou.

Luciano, outro jovem que estuda na faculdade, falou que é cardíaco e criticou a atuação do professor. “Como um educador, que todos os alunos respeitam, faz uma trapalhada destas. Se não podemos confiar nos mestres, em quem vamos confiar?”, questionou.

“Experiência foi confundida com massacre americano”

Sem meias palavras, o comandante do 4º Batalhão de Polícia Militar, Alexandre Freitas Elias, criticou que a simulação foi “tão real e assustadora” que muitos acadêmicos tiveram a impressão de que um massacre, como o acontecido nos Estados Unidos e vitimou 32 pessoas, poderia estar acontecendo na cidade.

Ele aponta ainda que a faculdade poderia ter tido o ‘azar’ de uma pessoa mais afoita ter pulado da janela do prédio, ou, por exemplo, uma mulher grávida ter tido um aborto. “Esta falta de planejamento de aula poderia ter acarretado dores de cabeça ainda maiores à instituição”, avalia.

Coronel Elias recebeu a notícia quando assistia a uma aula na Universidade Estadual de Goiás. Ao entrar em contato com o 4º Batalhão foi informado que era uma simulação e que centenas de ligações foram feitas solicitando apoio policial para “conter o tiroteio”. “Segundo os policiais, as pessoas ligavam desesperadas”, revela.

Ele conta que se certificou sobre o funcionamento do curso, e notou que real-



CORONEL Elias diz que faltou planejamento. “Dor de cabeça podia ser maior”

mente a Simulação faz parte da grade curricular. No entanto, destaca que da forma como foi conduzida teve efeito contrário, pois colocou em risco inúmeras vidas de estudantes inocentes.

TREINAMENTO

Na opinião do coronel Elias, a maioria do corpo docente deveria saber detalhes da simulação para orientar os alunos e evitar pânico. “Pelo visto os técnicos em segurança não pensaram nisso”, acredita. Ele cita que normalmente a Polícia Militar faz treinamentos, testes e simulações e garante que é feito com responsabilidade. “Envolve

apenas uma determinada turma”, informa.

Coronel Elias cita o acontecimento em Rondonópolis, que foi manchete até mesmo no Fantástico, programa da Rede Globo, em que uma simulação vitimou algumas pessoas. “Esses treinamentos são sérios e requer cuidados especiais”, analisa.

Ele cita também que teve notícias de que um policial civil armado estava no prédio no momento da “brincadeira”, o que poderia ter resultado na morte do “suposto agressor”. “A simulação foi tão verdadeira que ele poderia ter entrado na sala e para salvar a vítima ter atirado com ator”, expõe.

“Houve uma negligência”

No início da semana, o delegado responsável pelo caso, Fernando Sakuraba citou o artigo 40 da Lei de Contravenção Penal, que diz “provocar tumulto ou portar-se de modo inconveniente ou desrespeitoso, em solenidade ou ato oficial, em assembleia ou espetáculo público, se o fato não constitui infração penal mais grave”, para dizer que a pena para o professor pode ser “prisão simples, de quinze dias a seis meses, ou multa”.

Ele disse na ocasião que o professor responsável pela disciplina a fim de transmitir um conteúdo acarretou constrangimento generalizado, o que segundo a legislação brasileira é passível de punição. Ele diz ainda que a direção da instituição, mesmo que não tenha sido informada, pode também ser responsabilizada judicialmente.

Na quinta-feira, a reportagem entrou em



DELEGADO FERNANDO Sakuraba: “Pena pode ser prisão simples ou multa”

contato novamente com o delegado para averiguar se as ocorrências foram registradas, no entanto ele informou que os jovens que se sentiram lesados em decorrência da simulação foram diretamente ao Juizado de Pequenas Causas para buscar seus direitos civis, inclusive ligados a reparação de danos morais.

O delegado explicou novamente, que seria de sua competência caso a direção da escola se sentisse lesada e abrisse

um processo criminal para apurar a conduta do professor, o que até o fechamento da edição não havia acontecido.

A reportagem entrou em contato também com o Juizado Especial Civil, e foi informada de que até o momento não havia registros no sistema, mas certamente até na próxima semana seria possível fazer um levantamento para se certificar quantos acadêmicos entraram na Justiça.

Comunicado à imprensa

Anápolis, maio de 2007.

A Anhanguera Educacional/ Faculdade Latino Americana de Anápolis vem por meio desta nota à imprensa esclarecer todas as questões relativas ao mal entendido ocorrido nas dependências do campus da faculdade no último dia 25 de maio, e que acabaram gerando um início de tumulto entre os alunos.

Na citada data, realizou-se no recinto restrito da sala de aulas da turma de 4º semestre do curso de Segurança Privada, na aula prática da disciplina “Negociações e Mediações”, uma atividade em que se simulava uma agressão por arma de fogo. A portas fechadas, a atividade foi praticada na classe como uso de uma arma de fogo municiada com balas de festim e com a deflagração de um único disparo. O curso é ministrado pelo professor especialista, docente e com experiência policial de 22 anos.

Prioritariamente, informamos que nenhum tipo de acidente físico, o mínimo que o seja, foi verificado com nenhum de nossos alunos ou professores envolvidos na questão. Cabe explicar que o curso de Segurança Privada, devidamente autorizado a funcionar pelo Ministério da Educação, realiza inúmeras atividades práticas simulando situações

reais que ocorrem no dia a dia do exercício da profissão, e que serão enfrentadas pelos futuros profissionais que, hoje, se capacitam no curso da Anhanguera Educacional/ Faculdade Latino Americana.

Ocorreu que alguns alunos que se encontravam nos corredores, ouviram o disparo e presenciaram a ação de “contenção do agressor e socorro a vítima” prevista na programação da aula confundiram a simulação com um fato real e passaram a espalhar distorcidamente a notícia de que um aluno teria sido agredido dentro da sala de aula, através de um tiro disparado por um colega. A falsa notícia espalhou-se por todo bloco A, e embora o coordenador do curso e outros docentes tentassem explicar aos acadêmicos que o fato ocorrido tratava-se apenas de uma simulação programada, muitos deixaram o ambiente correndo e disseminando o boato que tinham ouvido, potencializando a situação e gerando certo tumulto dentro da unidade.

Uma pequena parcela de alunos, insistindo em provocar distúrbios, abandonou as dependências da Faculdade no momento dos fatos, e se puseram a disseminar a informação inverídica de que havia acontecido na faculdade, motivando conclusões equivocadas na massa de alunos

e na comunidade. Lamentamos o inesperado alarme falso e sentimos muito pelo ocorrido. A Direção da Anhanguera Educacional/ Faculdade Latino Americana determinou à coordenação do curso para que este tipo de fato não volte a ocorrer, sob nenhuma hipótese.

Para isso, as próximas atividades semelhantes terão divulgação massificada internamente no campus. Ato contínuo, uma parte dos alunos da faculdade, aproveitando a desestabilização gerada pelo fato, reivindicava de forma ostensiva algumas ações na faculdade. A Anhanguera Educacional/ Faculdade Latino Americana avisa que muito em breve serão anunciadas obras e mudanças em diversas estruturas das faculdades que proporcionarão ganhos diretos aos alunos e ao ambiente acadêmico.

Sem mais, pedimos a divulgação das informações contidas nesta nota a fim de informar e tranquilizar a sociedade de Anápolis quanto à normalidade das atividades de uma de suas principais instituições de ensino superior.

Atenciosamente,
Anhanguera Educacional/ Faculdade Latino Americana
Prof. José Luis Leon Ramirez

Diretor diz que Samu deixou de atender uma emergência



OLEGÁRIO Vidal sintetiza evento como “brincadeira sem graça”

Não foram apenas os acadêmicos e professores da Faculdade Latino Americana os únicos ‘palhaços da simulação’. O diretor do Samu, o médico Olegário Vidal, também foi “introduzido” na ‘brincadeira sem graça’, como ele mesmo denominou. O problema maior é que ao invés da ambulância

ter sido deslocada para salvar uma vida, que realmente estava em risco, os profissionais do 192 foram socorrer o “ator” que foi “ferido” no Curso de Segurança Patrimonial.

Olegário Vidal relata que um transeunte que comunicou ao atendimento de urgência, de um possível tiroteio na instituição. E em seguida vários alunos desesperados também entraram em contato com o Samu. “Isso nos deixou muito chateado. Fomos até a instituição em caráter emergencial e quando chegamos lá fomos informados que era uma simulação”, expõe.

Irritado, o médico diz que faltou consideração e respeito pelos diretores da Faculdade. “O Corpo de Bombeiros e a Polícia Militar também se deslocaram imediatamente. Todos foram en-

ganados. E o mais grave é que utilizaram uma arma verdadeira”, analisa.

Segundo ele, o Samu não transportou ninguém, embora tenha sido acionado em decorrência de “um acidente com arma de fogo”, pois logo quando chegou ao local foi avisado da “farsa”. A expectativa agora do diretor é receber explicações e até mesmo um pedido de desculpa da Faculdade.

O diretor do Samu aproveita a ocasião para solicitar que os veículos de comunicação divulguem os problemas que são acarretados pelos “trotes”. “As estatísticas aumentaram, há muitas pessoas brincando com o nosso serviço. É importante destacar que todas as ligações foram passadas para a Polícia Militar para punir quem faz esse tipo de “brincadeira”, avisa.